

## O diário do Pe. Manuel de Campos e a política portuguesa na corte de Roma na década de 1720<sup>1</sup>

Marília de Azambuja Ribeiro<sup>2</sup>

Se o governo de D. João V tem sido considerado pela historiografia portuguesa como um governo particular, distinto pela relativa estabilidade política da primeira metade do século XVIII e por um “estilo de governação que apontava para a contração da capacidade decisória e para a restrição do grupo dirigente” (CARDIM, 1998: 92), há outro aspecto do reinado joanino que precisa ser invocado pela sua relevância: “o dos alinhamentos externos e da política diplomática em geral” (MONTEIRO, 2001: 996).

O estudo da política diplomática de D. João V foi porém sempre condicionado pela perda de grande parte da documentação central do reinado joanino, de modo que tem sido marcado pela dependência das fontes narrativas contemporâneas que nos foram legadas.

Desse modo, a sobrevivência de relatos sobre certos eventos de cunho espetacular promovidos pela diplomacia portuguesa em cortes estrangeiras – como a Entrada do Conde da Ribeira em Paris em 1715<sup>3</sup> ou o Cortejo do Marquês de Fontes em Roma em 1716<sup>4</sup> – e a relevância dada pela historiografia aos escritos deixados por alguns dos representantes diplomáticos de D. João V – como D. Luís da Cunha<sup>5</sup> ou Alexandre de Gusmão – contribuíram para a configuração da imagem que o reinado joanino transmitiu à posteridade: uma feição marcada pela importância atribuída à diplomacia de representação, pela opção política atlântica

<sup>1</sup> Este artigo é fruto do Projeto de Pesquisa “*Entre o Colégio e o Palácio: a Companhia de Jesus e o governo de D. João V (1707-1750)*”.

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

<sup>3</sup> Descrita na **Relaçam da entrada publica que fez em Paris aos 18 de Agosto de 1715 o E. Sr Dom Luiz da Camara Conde da Ribeyra Grande... reinando nesta monarquia Luiz Decimo Quarto...** / por Alexandre de Gusmao.... Paris: na Officina de Pedro Emery, 1715.

<sup>4</sup> A entrada pública do Marquês de Fontes é apresentada por BRASÃO, Eduardo. **Subsídios para a história do patriarcado de Lisboa (1716-1740)**. Porto: Livraria Civilização, 1943. pp. 84-102. Ver também: AUGUSTO, Sara. **Diário da jornada de Roma do Embaixador Extraordinário, o Marquês de Fontes, no ano de 1712**. “Máthesis”, 18, 2009. pp. 81-108.

<sup>5</sup> Para uma lista completa de seus inúmeros escritos impressos e manuscritos ver: CLUNY, Isabel. **D. Luís da Cunha e a idéia de Diplomacia em Portugal**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. pp. 237-242.

baseada na aliança com a Grã-Bretanha e pela adoção, a partir de 1715, de uma postura de neutralidade no que tange os conflitos das potências europeias (MONTEIRO, 1999-2000).

Neste contexto, todavia, destacaram-se as relações de Portugal com o Papado, uma vez que “o grande investimento joanino em matéria de diplomacia européia foi a conquista da paridade de tratamento com as outras grandes potências católicas no seu relacionamento com a Santa Sé” (MONTEIRO, 1999-2000), assim como havia sido antes da União Ibérica, em 1580.

Com esse intuito, foram mobilizados homens e recursos. Nos primeiros anos do governo joanino, por exemplo, podemos destacar a atuação dos embaixadores André de Mello e Castro, Conde de Galveias, e Rodrigo Anes de Sá Almeida e Meneses, o já mencionado Marquês de Fontes, cujo empenho consentiu a elevação da Capela Real à dignidade de Igreja e Basílica Patriarcal em 1716.

No início da década de 1720, em decorrência da morte de Clemente XI, da recusa da Santa Sé em conceder o barrete cardinalício ao Monsenhor Bichi e da falência das negociações acerca do Padroado no Oriente, outros representantes do governo português foram enviados à cidade eterna: em março de 1721, Alexandre de Gusmão deixa Paris, rumo a Roma, “pelo circuito da Alemanha”, com uma estada em Turim (CORTESÃO, 1952: 237); em maio do mesmo ano, os cardeais José Pereira de Lacerda (1662-1738) e Nuno da Cunha e Ataíde (1664-1750) partem de Lisboa para Livorno, por mar, com destino aos domínios pontifícios.

No *Diario Ordinário de Roma*, periódico impresso em Roma pela família Chracas, do dia 28 de maio de 1721, noticia-se que:

*In Livorno, sono arrivati da Lisbona, in 9 giorni di felicissimo viaggio, Gli Eminensissimi Signori Cardinali Nugno da Cunha d'Attayde e Giuseppe Pereira da Lacerda Vescovo Faraoniense Portoghese, quali presentemente si crede che possono venire fra alcuni giorni*<sup>6</sup>. (*Diário del Chracas*, 28 maggio 1721:5).

Segundo o *Gabinete Histórico* do Fr. Claudio da Conceição (1772-183?):

*(...) Em consequencia da morte do Papa mandou logo El-Rei apromptar uma Não em que fez conduzir a Roma, para votar no Conclave, os dois Cardeaes portuguezes Cunha, o Lacerda, e cincoenta mil cruzados de ajuda de custo a cada hum, aquem acompanharão o*

<sup>6</sup> “Em Livorno, chegaram de Lisboa, em 9 dias de felicíssima viagem, os Eminentíssimos Senhores Cardeais Nuno da Cunha de Ataíde e José Pereira de Lacerda, Bispo de Faro, portugueses, os quais neste momento se acredita que possam chegar daqui a alguns dias” [tradução nossa].

*Doutor João Alvares da Costa, Desembargador da Casa da Suplicação, o Doutor Felipe Maciel, Doutor, Lente da Universidade de Coimbra, e Deputado do Santo Officio da Inquisição de Lisboa, ambos Ministros de muitas letras; vários Religiosos; e outras pessoas de distinção; e a todos mandou el Rey dar ajuda de custo. Foi também nessa ocasião Residente para a Côrte de Roma Pedro da Motta e Silva. Partirão de Lisboa para Roma a 9 de maio (...) e foi também D. Antonio Mascarenhas, filho do Marquez da Fronteira (...); e seu irmão D. Luiz de Mascarenhas, seu Irmão, que seguia vida Ecclesiastica. [grifo nosso] (CONCEIÇÃO, 1820: 115-116)*

Dentre os “vários religiosos” aí mencionados podemos arrolar o jesuíta Manuel de Campos (1681-1758)<sup>7</sup>, autor do “diário romano” de que trataremos neste artigo.

Membro da Companhia de Jesus, confessor do Infante D. Antônio, o Pe. Campos é mencionado pela historiografia, sobretudo, por sua atividade como matemático. Ele foi professor da *Aula da Esfera* do Colégio de Santo Antão em Lisboa, nas décadas de 1710 e de 1730, e no Colégio Imperial de Madri, entre 1728 e 1734 – período em que também foi cosmógrafo-mor do reino de Castela – e autor de três tratados matemáticos *para uso da Real Aula da Esfera do Collegio de Santo Antão da Companhia de Jesus de Lisboa Occidental*<sup>8</sup>.

Segundo Diogo Barbosa Machado que, como o Pe. Campos, foi membro da Academia Real de História Portuguesa desde a sua fundação, em 1721<sup>9</sup>, o jesuíta teria acompanhado “ao Eminentissimo Cardial Pereira quando partio desta Corte para a de Roma votar no Conclave em que sahio eleito Innocencio XIII” (MACHADO, 1752: 212).

O jesuíta Francisco Rodrigues – primeiro e único autor em cuja obra encontramos alguma menção ao manuscrito que aqui nos propomos a analisar –, no quarto volume de sua *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, igualmente afirma que o Pe. Campos teria sido enviado a Roma, com o intuito de acompanhar o Cardeal Pereira, que se dirigia ao conclave

<sup>7</sup> Natural de Lisboa, filho de João Lopes Campos e Maria Cardoza, entrou para a Companhia de Jesus em novembro de 1698. (MACHADO, 1752: 212).

<sup>8</sup> **Elementos De Geometria Plana e Solida...** Lisboa Occidental: na Officina Rita-Cassiana, 1735; **Trigonometria Plana e Esférica... Para Uso da Real Aula da Esfera do Collegio de Santo Antão da Companhia de Jesus de Lisboa Occidental.** Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, Impressor do Duque Estribeiro Môr, 1737 e **Synopse trigonometrica dos casos que commumente occorrem em huma e outra trigonometria plana e esférica... para uso da Real Aula da Esfera do Collegio de Santo Antão da Companhia de Jesus de Lisboa Occidental.** Lisboa Occidental : Na officina de Antonio Isidoro da Fonseca..., anno de 1737, sendo os dois primeiros oferecidos “A' Magestade Del-Rey Nosso Senhor D. João V” (MACHADO, 1752: 212).

<sup>9</sup> Conforme nos indicam as listas de membros presentes nos vários volumes da **Collecçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza... e ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva...** Lisboa Occidental : na officina de Joseph Antonio da Sylva, 1721-1736, 16 vols.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

que se seguiu à morte de Clemente XI; além disso, acrescenta que ele teria sido enviado por ordem de D. João V, que teria sido acompanhado pelo Pe. Jerônimo de Castilho (1674-1730), também jesuíta<sup>10</sup>, e que teria permanecido em Roma até 1728, quando deixou a cidade juntamente com todos os enviados joaninos à corte papal (RODRIGUES, 1950: 410).

O exame do copiadador, com o registro da correspondência remetida de Roma pelo Pe. Campos durante os anos de 1721 e 1722<sup>11</sup> – onde estão transcritos os correios enviados entre 21 de fevereiro e 08 agosto de 1722 (fl. 344r-436v segundo a numeração dos fôlios contida no manuscrito)<sup>12</sup> e entre 17 de junho e 26 julho de 1721 (fl. 437r-442v)<sup>13</sup> –, confirma a presença do Pe. Castilho em Roma.

O jesuíta Antonio Franco (1662-1732) em sua *Synopsis annalium Societatis Jesu in Lusitania ab anno 1540 usque ad annum 1725*, por sua vez, comenta entre os fatos relevantes do ano de 1721 que “Eminentissimum Cardinalem Josephum Pereiram ad electionem novi Pontificis euntem Romam duo et nostris sacerdotibus comitantur” (FRANCO, 1726: 424).

Assim, consultando mais uma vez Barbosa Machado, encontramos a informação de que o jesuíta Jerônimo de Castilho, em 1721, retornara a Roma – aonde já havia estado anteriormente para estudar Teologia no Colégio Romano – na condição de confessor do cardeal Pereira (MACHADO, 1747: 492).

Não encontramos, porém, nenhum documento oficial que ratifique a afirmação de Rodrigues sobre o jesuíta ter sido enviado por desejo de D. João V, todavia as cartas do Pe. Manuel de Campos eram endereçadas ao também jesuíta Pe. Luís Gonzaga (1666-1747)<sup>14</sup>, que então vivia junto à Corte e havia sido mestre de matemática de D. João V desde a sua adolescência (ANDRADE, 1965: 15).

<sup>10</sup> Natural de Lisboa, filho de Antonio de Macedo e Violante de Castilhos, professor no Colégio de Coimbra, no de Santo Antão em Lisboa e na Universidade de Évora. Foi membro da Academia Real de História Portuguesa de 1721 até sua morte (MACHADO, 1747: 491-492).

<sup>11</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Armário Jesuítico, liv. 27 (“Aditamentos e notícias de Roma”). Disponível em versão digital no endereço: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4374786>. O códice consta de 226 páginas, das quais 206 dizem respeito à transcrição das cartas do Pe. Campos.

<sup>12</sup> Que inicia com o número 344, na décima quinta página do manuscrito.

<sup>13</sup> As cartas relatam as atividades diárias do Pe. Campos e eram enviadas pelo correio que saía de Roma aos sábados, contendo as notícias de toda a semana anterior.

<sup>14</sup> A única referência ao nome do destinatário presente no manuscrito encontra-se no folio 432v.

Na verdade, a proximidade do destinatário das cartas com o rei de Portugal fica evidente em vários trechos do diário, como nesta passagem que consta no fechamento do correio enviado no dia 11 de julho de 1722:

*(...) Vossa Reverendissima da nossa parte de o parabém a El Rey Nosso Senhor a quem Deos de muyta vida, e saúde para amparo da Fê Catholica em todos os seos Reynos, e domínios, e para gloria da sua ínclita nação que tanto se acredita de baxo do seo felicíssimo governo (...)* [fl. 421r e v.]

A proximidade com a Corte também se revela no fato de o Pe. Campos ter recebido, em fevereiro de 1722, uma carta de “mão própria” do Patriarca<sup>15</sup> e Secretário de Estado **D. Tomás de Almeida** (1670-1754).

Uma leitura, ainda que pouco atenta, do diário do Pe. Campos permite concluir que sua missão junto à Santa Sé não era somente a de acompanhar o cardeal Pereira, mas também a de informar Lisboa das atividades dos dois cardeais portugueses que haviam se dirigido a Roma para tomar parte no conclave de 1721<sup>16</sup>, bem como de toda a movimentação em torno da corte papal.

Prova disso é que, reiteradamente, o Pe. Campos se desculpa por não ter muitas e relevantes notícias para transmitir:

*(...) Não dovido que as noticias, que vamos dando sejam tão fúteis que não mereção a menor atenção, mas sabia Vossa Reverendissima que não he a falta de cuidado, e de deligencia, senão falta de meyo; porque os outros além de ir as casas de conversação onde se sabe tudo, e podem fazer anatomias a corte tem de mais a mais gasetas occultas, que dizem até os pensamentos que occorrem, e nós não sabemos nada, e se acaso alguma couza nos dizem ou he falça, ou confuza (...)* (Carta de 26 de Julho de 1721) [fl. 439v]

*(...) Toda esta semana tem sido chuvoza, e de tão maó tempo, que nos não dexou sahir fora de casa, e assim as noticias que pude alcançar são muito poucas.* (Carta de 25 de Abril de 1722) [fl. 379r]

*(...) Toda esta semana tenho andado muito mal de calores internos, e exasperação do figado; que há tempo padeço, mas agora mais que nunca, e a sim Vossa Reverendissima perdoará, se não forem as noticias explicadas como devem (...)* (Carta de Roma de 23 de Mayo de 1722) [fl. 391r]

<sup>15</sup> (...) Hoje recebi huma carta de mão própria do Sancto Patriarcha de 12 de Janeyro. [fl. 348r]

<sup>16</sup> Na primeira carta que temos do Pe. Campos, do dia 17 de junho de 1721 – cerca de um mês depois do desembarque em Livorno - ele informa que “tinha já o Cardeal Pereyra escolhido palácio junto a S. Antonio [leia-se Santo Antônio dos Portugueses, igreja da Nação portuguesa em Roma], e o Cardeal da Cunha tem escolhido o do Duque de Neres (sic)” [fl. 438r], em Via del Corso. Ele, por sua vez, alojou-se na Casa Professa da Companhia junto à Igreja do Jesus.

Provavelmente, o Pe. Campos fazia parte de uma rede menos formal de agentes e correspondentes, mantida por D. João V – como ademais faziam muitos outros príncipes europeus – independentemente daquela composta pelos membros das delegações diplomáticas, graças à qual podia cuidar dos vários tipos de negócios e interesses da corte, assim como obter informações de variados tipos: desde notícias de tipo político-diplomático até comentários sobre os costumes dos outros países.

Assim pelo menos nos parece, uma vez que, através da narrativa de suas próprias atividades cotidianas, o jesuíta fornece inúmeras informações seja sobre a vida na cidade de Roma, seja sobre a atividade política dos dois cardeais lusos e dos demais representantes da corte portuguesa, bem como a de outros personagens – cardeais, embaixadores, príncipes, etc. – que se encontravam na corte papal nos anos de 1721 e 1722. Com exceção das três únicas cartas que temos desse primeiro ano, todas as demais apresentam uma estrutura semelhante à desta primeira carta do ano de 1722.

## Carta de Roma de 21 de Fevereiro de 1722

Sabbado 14 de Fevereiro. Levou o Pe. Castilho as cartas do **Embaxador** (...) o Pe. Geral (...). Nesta semana tem recebido vizitas (por meyo de gentis homens) de quazi todos os Príncipes desta Corte. Vizitarão-no pessoal **os trez Cardeaes da Companhia**<sup>17</sup> e muitas vezes o Governador de Roma. (...) De noyte fuy ouvir a Tragedia dos Seminaristas Merzanos (...)

Domingo 15 de Fevereiro. Ouvi que honte de noyte houveram muito concurso de vivas, trombetas e no palacio do **Cardeal Pereyra**, por ter sahido vencedor no Corso hum cavalo que corria em seo nome (...) Na manham deste Domingo houve Capella Cardenalicia na nossa Igreja del Giesù, e começou o Jubileo das 40 horas: virão 19 Cardeaes, e entre elles os nossos dous Emerentissimos Cunha e Pereyra (...)

Segunda Feira 16 de Fevereiro. Fizerão huma comedia os Religiozos de Ara Coeli (...) era em Italiano como todas as Tragedias do seminário (...)

Terca Feira 17 de Fevereiro. Fuy vizitar de tarde o **Rezidente** que estava para sahir para Fora, e não me foy possivel falarlhe. (...) Fuy ver o **Embaxador** tanto por lhe dar os parabens das duas serenatas que fez nestes carnavaes; de que ouvi dizer maravilhas; como por ver o aparato do Palacio que me veyo louvar muito o Pe Castilho. O Palacio todo estava maravilhozamente armado com muitos candieyros de cristal e excellentes moveis. (...) No meyo do Palacio em huma grande sala (...) Nesta sala se dançou honte muito que

---

<sup>17</sup> Nota

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

foy o dia da festa; e entre os dançadores forão os **Reys de Inglaterra** (...) Dey os parabens ao **Embaxador** pelo sumo credito que aqui nos grangea para a nação, e elle os agradeceo; e se foy metter no seo rico coupê para a casa do cardeal **Cunha**. Nesta noyte foy a festa do **Embaxador de Veneza**, que acabou pellas 9 da manham. Vi nesta tarde o Governador de Roma com a sua guarda (...)

Quarta feira 18 de Fevreyro. Fuy hoje com o Pe. Castillo a Santo Antonio onde preguey a Cinza. Assistirão alguns Portuguezes dos pretendentes e varios Padres da Companhia. Assistio tambem o nosso **Rezidente** e **Doutor Luiz Mascarenhas**. (...)

Quinta Feira 19 de Fevreyro. De manham ouvi o Sermão de casa (...) De tarde fuy ao Palacio Albani (...) onde mi divirti em ver excellentissimas pinturas, de que estão cheas as paredes de sette salas ainda que pequenas. Estas pinturas são pela mayor parte originais de Guido, Raphael, Carlos Maratta, etc. (...) Estava falando com hum **Monseignor Bussi**, sobrinho do Cardeal deste nome; o qual levou o Capello ao **Cardeal Cienfuegos** este Monseignor nos trouxe para casa na sua carroça; e disse que tinha chegado de Portugal o Correyo. Ouvi que sahira huma grave resposta ao papel do **Cardeal Alberoni**, mas por mais deligencias que tenho feyto, não o pude ainda colher à mão. A cauza deste cardeal está muito para devagar; ouvi que não só tinha muitos Cardeaes contra si, e a Corte de Hespanha (...) Tambem ouvi que segunda feira se fez na Capella do Quirinal o casamento do sobrinho do Papa com a filha unica do **Duque de Paganica** (...)

Sesta feira. Ouvi hoje que o Seminario Clementino dedicara também huma comedia ao **Cardeal Pereyra** (...) Disserão-me que hontem de manham fora o nosso **Rezidente** falar com o Papa; e que tinha character de Rezidente Enviado Extraordinario (...) Hoje de tarde ouvi que o **Cardeal Albani** estampava as Homilias do Papa seo Tio; e que as dedicava a El Rey nosso Senhor; a quem fazia hum grande panegyrico (...) Não tenho por hora mais. (...) Lanceme a Santa benção e a Deos. Roma Vt Supra. [344r-347r]

É dessa forma que o jesuíta deixa registrado em seu diário o decurso das atividades políticas na cidade papal. Assim, através de seu relato, podemos reconstruir as redes de ligações políticas que o reino mantinha na corte romana, o circuito de alianças que permitiam a movimentação diplomática e o conjunto de práticas sociais que então encontravam-se relacionadas à representatividade política.

Na carta do dia 4 de Abril de 1722, por exemplo, ao fazer um elogio dos representantes da Nação portuguesa em Roma, ele nos oferece o retrato de uma legação composta não só por Ministros e Cardeais, mas também por juristas e particulares, muitos dos quais, como vimos, haviam chegado na Itália no mesmo navio que o Pe. Campos:

*(...) Hoje recebi a de Vossa Reverendíssima de 18 de janeiro muito boas Paschoas, e festas alegres. E se for licito, vossa senhoria me ponha aos reaes pés de S. Magestade, que Deos grande; com o mais profundo respeyto, e affectuozza expressão que lhe for possível, dando lhe da minha parte as boas festas, e que perdoe a confiança; porque o grande amor, que lhe tenho, e a singeleza que professo me a conzelharão esta temeridade.*

*E digalhe por boas festas que esteja certo; que o luzimento universalmente da **nossa Nação em Roma**; e reputação da Coroa, a estimação dos Ministros, dos Cardeaes, dos particulares, e de tudo o que he Portugal, fora de toda a lisonja, e de toda a sombra de adulação, segundo o que vejo, o que ouço, e ao que observo, lhe deyxará gravada nesta corte imortal muito a sua memoria. O **cardeal Cunha** deyxá aqui hú nome estupendo, e tem summa aceytação: a corte he hum pasmo, e a gravidade summa: o **cardeal Pereyra** he estimado por letrado; por generoso, por bonissimo coração: corteja os Principes, e Princezas; (...) O **Embaxador** [Andre de Melo e Castro] tem aqui huma grande e universal aceytação: e luzimento da Corte, he o que se sabe; e ouvi dizer que ninguem atégora o igualou. O **Inviado** [Pedro da Motta e Silva] he muito capas, e tem huma corte muito regulada, e luzida. O **Dezembargador** [Doutor João Alvares da Costa] tem se portado maravilhosamente muito calado, muito zeloso, e com grande luzimento, o [Doutor Felipe] **Maciel** he o mesmo brio; e honra tanto sua, como da Nação he alma com que se anima. O **Xavier** [Torres, médico] vive, e ajuda a viver; não tem atégora mudado semblante. O **Liote** anda, e sempre andou luzidissimo. O [Iozeph de] **Miranda**<sup>18</sup> menos vezes o vejo. (...) O **Alexandre de Gusmão** he aqui muito estimado, e tem muito luzimento: he muy destro, e tem boa prezença, grande engenho, e tratase como cavaleiro. **Dom Luiz Mascarenhas** já disse o que sentia em outra: portase como fidalgo Portuguez. [fl. 371r e v]*

No breve espaço dessa fala não será porém possível analisar toda a complexidade dessa fonte privilegiada. Todavia, podemos antecipar a audiência o fato que ela nos permite claramente constatar uma continuidade no posicionamento político da coroa em relação ao que encontra-se expressado nas *Instruções* emitidas ao Enviado Extraordinário na corte papal, André de Melo e Castro, em 20 de agosto de 1707<sup>19</sup>.

Tal posicionamento se caracteriza, em linhas de máxima, pela preocupação com a manutenção e o estabelecimento de relações com ministros e eclesiásticos de outras nações, em especial com aqueles vinculados às alianças políticas da coroa no contexto do mundo católico – nesse contexto, identificáveis no Imperador e no duque de Savóia – e pela utilização de cardeais da Cúria – mais especificamente, alguns membros das famílias Albani e Colonna – como principais intermediários dos negócios do reino em Roma.

\*\*\*

### Referências Bibliográficas:

<sup>18</sup> (...) o qual tem o titulo de Capitão, e o tratamento de Ilustrissimo, gostey muyto de o vêr governar; porque tem talento (...) [fl. 372r]

<sup>19</sup> Publicadas em *O Panorama. Jornal litterario e instructivo da Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis*, 2ª Série, Vol. 3, Lisboa, 1884. pp.359-364.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

ALDEN, Dauril. **The Making of an Enterprise: The Society of Jesus in Portugal, Its Empire, and Beyond, 1540-1750.** Stanford: Stanford University Press, 1996.

ALMEIDA, Luís Ferrand. **Páginas dispersas: estudos de História Moderna de Portugal.** Coimbra, 1995.

ANDRADE, António Alberto Banha de. **Vernei e a Cultura do seu tempo.** Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1965.

CARDIM, Pedro. **Cortes e Cultura Política em Portugal do Antigo Regime.** Lisboa: Cosmos, 1998.

CONCEIÇÃO, Claudio. **Gabinete Histórico...** Lisboa: Impressão Regia, 1820. Tomo VII.

CASTRO, José de. **Cardial Nacional.** Lisboa: Agência Geral das Colónias-Div. de Publicações e Biblioteca, 1943.

CORTESÃO, Jaime. **Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid.** Rio de Janeiro: Ministérios das Relações Exteriores – Instituto Rio Branco, 1952. 2 vols. Parte I, Tomo I

FRANCO, Antonio. **Synopsis annalium Societatis Jesu in Lusitania ab anno 1540 usque ad annum 1725.** Augustae-Vindelicorum & Graecii; sumptibus Philippi, Martini, & Jannis Veith, Haeredum, 1726.

MACHADO, Diogo Barbosa. **Bibliotheca Lusitana.** Lisboa: Na Officina de Ignacio Rodrigues, 1747. Tomo II

MACHADO, Diogo Barbosa. **Bibliotheca Lusitana.** Lisboa: Na Officina de Ignacio Rodrigues, 1752. Tomo III.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo. **Identificação da política setecentista: notas sobre Portugal no início do período joanino.** “Análise Social”, vol. XXXV, 157 (2001). pp. 961-987.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo. **Relações de Portugal com a Santa Sé no reinado de D. João V.** Revista Online Janus (1999-2000).

RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal.** Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1950. Tomo Quarto, Vol. I.